



Equipes Notre-Dame

Rassemblement International – International Gathering – Encuentro Internacional -
Encontro Internacional – Raduno Internazionale

Fátima 2018

16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio

5ª Meditação

“O meu filho estava morto e voltou à vida”

Entre tudo aquilo que assumimos habitualmente como dever, raramente está de maneira explícita a alegria. Sentimos mais a alegria como um desejo que por vezes se realiza, do que como um dever que em cada dia nos compromete. Mas o pior que nos pode acontecer é investir numa vida acelerada, altamente produtiva, mas que perdeu a capacidade de espanto, a possibilidade da delícia, a ocasião do riso e do júbilo. Temos que nos perguntar se não há um défice de festa nas nossas famílias.

O escritor russo León Tolstoi começa o seu célebre romance Anna Karenina dizendo que «Todas as *famílias* felizes se parecem. Só as *famílias infelizes* são *infelizes* à sua maneira». Não é bem verdade. Se o modo de chorar é pessoalíssimo, também o é o modo de fazer a festa e de construir conjuntamente a alegria. Diz-nos Jesus no Evangelho de S. João: “Eu quero que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa.” (Jo 15,11). E: “Ninguém vos poderá roubar a vossa alegria.” (Jo 16,22). Há, portanto, uma alegria que constitui o horizonte da nossa vida. É fundamental que a família sinta que é para a alegria que está a ser chamada. É para a roda dos eleitos. Na verdade, somos atravessados, somos conduzidos, somos levados pela mão de uma promessa, e essa promessa é a alegria.

A alegria não se reduz a uma forma de bem-estar ou a um conforto emocional, embora se possa traduzir também dessa maneira. A alegria é, fundamentalmente, uma expressão profunda do ser: em bondade, em verdade, em beleza. A alegria não nos vem quando interrompemos a vida: a alegria nasce quando pegamos num dos seus fios, seja ele qual for, e somos capazes de levá-lo criativamente ao seu momento culminante.

Em vez de crescermos na severidade, na intransigência, na indiferença, no sarcasmo, na maledicência, no lamento, caminhemos esperançosamente no sentido contrário. Cresçamos na simplicidade, na gratidão, no despojamento e na confiança. Bem-aventuradas as famílias que dizem de si mesmas: “somos um laboratório para a alegria”; “somos uma escola do sorriso”; “somos um ateliê para a esperança”; “somos uma fábrica para o abraço e para a festa”.

Regressemos à parábola do pródigo. O pai explica ao reticente filho mais velho o acolhimento festivo com que acolheu o mais novo: «Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado» (Lc 15, 32). «Tínhamos de fazer uma festa». Eles não tinham de fazer festa nenhuma. Mas há um dever que a misericórdia faz-nos descobrir: «Nós tínhamos



de fazer uma festa». Isto é misericórdia. Este dever a que ninguém nos obriga, mas que é uma obrigação que nasce do fundo da esperança, que brota do desejo de relançar a vida, que irrompe da vontade de afirmar que ela é o bem mais precioso.

Acontece, por vezes, que, à medida que os filhos crescem, desaparece das famílias a caixa dos brinquedos. As casas tornam-se (um pouco) mais ordenadas, aderem a uma rotina perfeita que durante anos não tiveram, ganham outra vez uma respeitabilidade normalizadora. Principia-se então uma estação de tréguas, sem as surpresas que desesperavam: os jogos espalhados por todo o lado, os bonecos a ressurgirem onde absolutamente não deviam, etc. Primeiro respira-se de alívio, portanto. Mas depois, estranhamente nem tanto. Pois há uma hora em que se percebe a falta que nos faz a caixa dos brinquedos.

É nessa caixa que se encontram os símbolos, as brincadeiras, os risos distendidos, as férias em família, os aniversários, os jogos intermináveis à volta da mesa com velhos e novos contagiados pelo mesmo entusiasmo, a contemplação carinhosa sem nenhuma finalidade. É nessa caixa que estão as histórias disparatadas e sábias que contamos pela vida fora. Aí se conservam os odores, os registos, as palavras de uma canção que cantámos muitas vezes e depois esquecemos, a primeira bicicleta, os livros antes de se saber ler, os cromos, o silêncio da intimidade, a viagem à aldeia, as conversas à janela voltados para a noite. Nessa caixa está a arte de fazer tempo, de perdê-lo para que se torne mais nosso, permitindo a imaginação, o sentido lúdico, a alegria. A caixa dos brinquedos não serve para nada, e por isso dá-nos razões para viver.

Lembro-me de uma história que uma amiga me contou. O seu pai era juiz. Um homem exigente, sem tempo a desperdiçar, sem grande vontade de escutar as minudências por que passavam os miúdos. Ela cresceu, formou-se e, durante os primeiros anos, chegou a trabalhar como secretária do pai. Essa proximidade em nada alterou o quadro que conhecia: continuavam dois estranhos, com uma relação formal, e um mundo submerso de coisas por dizer. Ela conta que um dia fizeram uma viagem de trabalho a uma das ilhas gregas. Foram de barco, e podemos imaginar os longos tempos de travessia. De madrugada, porém, sobressaltada, ela percebe que o pai está no seu camarote, a acordá-la. Fixa-o sem perceber o que se está a passar. E ele diz-lhe: «Vem ver o sol que está a nascer. É enorme, enorme. Vem depressa. Vais gostar. Vem». Muitos anos depois, o pai já tinha morrido, a minha amiga confiava-me: «Se ele tivesse feito pelo menos mais uma coisa destas, pelo menos mais uma, eu ter-lhe-ia perdoado tudo». Rezemos para que as nossas famílias se tornem comunidades do encontro, do perdão e da festa.